

Revista da Freguesia de Touro

burrel

SEMESTRAL
JUNHO 2024
Nº7



 FREGUESIA DE
Touro

**Casa Pública 04 / Boa Sorte 06 /
Tecelagem 16, 20, 24, 30 /
Fiador 34 / Herança 42 /
Tear da Memória 44, 46, 48.**

Alfaiates

Direção:
Mário Jorge Morgado

Design:
Ana Cristina Fernandes / newww.pt

Fotografia:
Outro Olhar Fotografia
José Campos
João Morgado

Edição e Textos:
Amadeu Araújo

Impressão:
Gráfica Diário do Minho

Burel, revista semestral, editada e produzida pela
Junta de Freguesia de Touro.

Número 7, Junho de 2024
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



MENÇÃO HONROSA

5ª EDIÇÃO | 2024

Junta de Freguesia de Touro

Parque Infantil

Categoria

Urbanismo e Espaços Verdes

Sub-Categoria

Boas Práticas de Sustentabilidade



À beira Covo!

O Covo é um manancial. De água, de biodiversidade, de oportunidades. É o nosso ambiente, a nossa natureza, a que queremos juntar o turismo.

Um espaço rural, com potencial capaz de nos trazer o desenvolvimento sustentável, que reclamamos e estamos a afirmar. É uma estratégia, para ter mais economia, mais população, mais riqueza.

A agricultura, florestas e pastagens, podem dançar com o turismo e a cultura. Com a habitação se dotarmos a Freguesia de condições que a revitalizem, sem esquecer o compromisso com a valorização e proteção do ambiente.

Respeitamos esse ambiente, como o recente prémio atribuído ao Parque Infantil Naturalizado da aldeia de Touro, mostra.

É nesse encontro de gerações, nessa fruição que podemos ir mais além, protegendo presente, sonhando futuro.

O parque confirma um compromisso sério com as questões de sustentabilidade e inclusão, a nossa preocupação.

Podemos olhar aos freixos, amieiros, lódãos ou aveleiras, que nos dão sombra e sustento, mas podemos ousar ir mais além.

Como a piscina biológica, já em projeto e que irá ser a primeira do género de acesso público.

Tudo isto radica num caminho que cedo trilhámos, quando pusemos o Touro em movimento. E não estamos sós nessa senda, como a nova rota Covo e Demo, que parte de Vila Cova à Coelheira, atravessa o Touro e termina em Segões.

Ou o parque de autocaravanas, e o parque ribeirinho, com a reabilitação das hortas da suavila.

Tudo ligado ao Centro de Valorização do Turismo e Natureza do Touro, a ser instalado numas ruínas, que já serviram a lavoura e serão capazes de albergar hóspedes, quer seja numa lógica turística, quer seja através da criação de residências artísticas.

Um espaço dinâmico, ao serviço da comunidade, capaz de atrair visitantes e estabelecer novas sinergias, enquanto se promove a preservação natural, cultural e construtiva do Touro.

Lá está a ligação à Rua de Mó, o Rio Covo e o percurso ribeirinho.

Repensar o espaço rural do nosso futuro é uma oportunidade, para quebrar o despovoamento e entendermos a multifuncionalidade da Freguesia.

Habitar em meio rural, turismo e cultura, transição energética, como o mostram as apostas nas eólicas e no solar.

Uma reflexão de há muito feita, com um planeamento definido, para tornar o Touro uma Freguesia com um sistema circular sustentável. Será essa a estratégia que nos trará mais desenvolvimento local.

A estratégia traçada permite-nos olhar o futuro com otimismo, mas somente de aprendermos com os mais velhos a preservar a herança que nos foi deixada e que nos cabe melhorar. O encontro de gerações. Juntas a usufruir das urzes e da sombra dos carvalhos, das águas frescas, e rebeldes, do Covo, Nave abaixo.

Não precisamos ter vergonha dos tempos passados, apenas precisamos de os conciliar com um quotidiano de desenvolvimento e projetos que valorizem o turismo, tirando partido da natureza.

Assumimos o compromisso da geografia, sentimental, mas demasiadas vezes postergada, para conseguir as respostas que nos faltam.

Mitigar a incerteza, robustecer a economia local, manter a qualidade de vida da população, sermos inclusivos e inovadores.

Assim saibamos tecer esse burel, juntos com a população, a pertença comunitária e a inclusão, que jamais podemos esquecer.

Eu respeito a nossa terra. — **b**

Mário Jorge Morgado

Sorte. Boa e Grande. Haja cajado e bornal... e conversa!

Texto: Amadeu Araújo

Chamo-lhe 'Praia dos Filipes'. Conheci-a assim, num dia de estio e sombra fresca, grelha e rio. Covo. Cheguei-lhe pela EN 329, logo depois de S. Martinho de Almoneixe, toda a poesia do lugar numa única palavra. E volto sempre, de bornal e cajado e abalo de alforge cheio.

Almoneixe são uma dezena, e mais um, de sarcófagos em granito. Todos fincados no redor da capela. E depois entramos no bosque, a sombra e as escadarias de um amor de entrega e promessa.

O Senhor da Boa Sorte é capela entre a estrada e um grande parque arborizado. E a escada, para onde erguemos os olhos: a Cruz da Nossa Senhora da Boa Sorte. O amor é fecundo.

Sabendo isto, vamos de romeiro, farnel e cajado, longa, e fértil caminhada, pedir a Boa Sorte. Ou de recolector, esperando pela peça, de pena ou de pelo, que a caça tem aqui santuário. E continuamos calcorreando estradas, caminhos, veredas. O Touro é como as cruzes da Boa Sorte, predicados e virtudes, trutas e vinagres.

A partir da aldeia, vemos o rio que nos leva ao Caldeirão, com os poços do Covo, moinhos e passadiços. E esse mistério das Cortes, outra vez o granito, para "arrecadar" o gado, a que o povo chama Pardieirinhos. A Coalheirinha, eira ao sol e de novo a pedra, mais os espigueiros, logo na Lage Cimo de Vila.

Mas volto atrás, a essa rota do Caldeirão, uma cascata e a Passagem, além de outros engenhos, moinhos antigos, e por todo o lado as capelas, terra de culto e fé, que levanta futuros, que se vê na vontade do povo que ergueu a capela de São João

Baptista, um pé no passado, largueza ao advir e simplicidade. Uma capela moderna e singela, poder do rogo e da Fé.

Um monólito rasgado ao meio, uma casa, um rasgo de luz na andança a que é impossível ficar indiferente.

Montes, vales, rios, ribeiras, por onde deambulam lebres, coelhos e perdizes, rolas e codornizes. Subindo à serra, em dia de sorte grande, patos bravos, pombos e galinhas. E nas águas, bordalo, a truta, a salamandra lusitânica.

Os ciclos, da terra, da lavoura, do ano, as luas que marcam o calendário, a sensualidade da "terra fértil, agricultura e gado", como lavrou o Cónego Gama, que nos escriturou as origens.

Cereal na albarda, cruzando corgos e lameiros, prados e espigueiros! Trigo e cevada, milho miúdo. O Covo são caminho e andanças. Passos lentos nas margens do rio, amieiros e choupos, sentinelas de trilho em passada de moleiro. Uma moída, cereal na mula e ala. Aos moinhos e azenhas, incansáveis, no giro das mós, empurrados pelas águas onde saltitam lontras e salamandras. E até o mexilhão do rio.

E nisto, enquanto caminho, não posso esquecer o desenvolvimento local, o trabalho invisível, que se faz em torno da cultura, o património histórico.

Boa Sorte

Tradições, equilíbrio no desenvolvimento, as comunidades, o povo, juntos, nessa oração que nos leva caminho afora. Antigo, no que leva a Lamego e cruza Adomingueiros e outro, a poente, ao Vidui-nho.

Uma bússola, como os quatro ribeiros que descem da Nave, o mais generoso, na Lage Branca, mil metros de altitude e que juntos formam as águas do Côvo, ou do Touro. Rio, vida e tempero, de onde salta a truta, a pintadinha, a fário, tantos nomes para iguaria, fonte de rendimento, como o fumeiro, mealheiro maior e pujante. E apresto-me em Adomingueiros, capela de sineira, os campos lavrados da Avesseira, ali a Norte, onde o Sol é bendito e escasso.

A Cerdeira, dois pináculos na capela, haja “festa das papas”, rolão de milho, benzidas e comidas.

Tudo isto é o Touro, Vila do Prado, como contam outros laboriosos do estudo, dólmenes a selarem a antiguidade do lugar.

E a Póvoa, prados e pastos, a Lage Gorda, a que outros crismam de Fraga, um pedregulho, monólito, ao lado as sepulturas do Alto do Coxo e do Ribeirinho.

E ali, no Sarnoso, a ribeira, fértil no rego de água que corre aos campos a fecundar.

Mais ao largo, o Viduinho, lavoura, e essa enorme Anta, nove esteios de vida, ainda com pictogramas.

Tanta e tão boa terra e gentes, a Rede Natura, nessa biodiversidade protegida, uma borboleta nêspira-dos-lameiros, o pinheiro-bravo na borda do caminho, aqui e ali pequenos soutos, açudes, e o Côvo, sempre na nossa beira, correria de águas frias, refrigério para mergulho enquanto o olho se afasta e o nariz olfata, sargaços, carquejas, bando-leiro na encosta, onde andas tu, caça. Valha-me o farnel, o paio e o trigo, um golo de verdasco, uma paragem na gruta, a que tem Senhora, mesa, rádio, e água, ardente. Segredo feliz que em boa hora a generosidade me mostrou. Aí volto sempre, mesmo indo arriba, pelos lameiros e leiras, na companhia do cajado, faltam faunos aos bosques, diria Mestre Aquilino, a serra continua pródiga, a belga regada; no tempo dela, a segada, ceifa e a debulha, essa malhada, do São João ao estio de Agosto, ajuste de amigos, “vai-se à malhada do vizinho para que ele venha à nossa”, contou o Cónego Fonseca da Gama, explicando nessa alma de historiador cru, e

“Tudo isto é o Touro, Vila do Prado, como contam outros laboriosos do estudo, dólmenes a selarem a antiguidade do lugar.”

bondoso, a valentia dos espigueiros, que se vêm das plataformas ribeirinhas, moinhos e pisões, mós, alimadas pela força da água, cirandamos nós, e as águas, à escuta da conversa, nesse tear da memória,

Alfobre de idos e vindos, retrato fiel, do hoje, do ontem e do que queremos para amanhã.

O Touro é isto, uma viagem pela natureza e ambiente, contemplar, praticar turismo, trekking como dizem os hodiernos. Para todos, sozinho, com a família, os amigos. Potencialidades que têm vindo a ser desbravadas, exploradas, inovação, pedagogia ambiental, quiçá, o maior contribuinte para o desenvolvimento sustentável da Freguesia.

Um miradouro, caminhos e percursos pedestres marcados, tirar maior partido das potencialidades do rio e das margens. Um Côvo, rio que nos abraça a valentia. Um tear de fios de vime para guardar pescaria e, no hoje, ligar à casa, alerta de frigideira ao lume e batatas na panela.

O que se percebe olhando ao Parque Infantil Naturalizado, um encontro de gerações, brincadeiras na natureza, nas margens do rio. O parque confirma um compromisso sério com as questões de sustentabilidade e inclusão, e equipa a aldeia de Touro com equipamentos infantis que estimulam a brincadeira, o jogo livre, despertar a curiosidade de todas as crianças e o desafio para explorar o mundo natural. E encontrar as gerações mais velhas, sim não tenhamos medo das palavras que também eu abalo a velho e lhes esbugalho as memórias em manhãs frescas de aprendizagem.



Boa Sorte

Vontade de conservar, promover e valorizar o património cultural, natural e geológico, prover ao turismo sustentável, como o demonstra o projeto da piscina biológica.

“Região admirável é esta para uma e outra cousa. Nos montes, se criam com abundância lebres, coelhos e perdizes; nas matas e pinhais, a rola; nos campos, as codornizes; e na serra, além da perdiz, a galinhola, os pombos e os patos bravos”, diz-me o Cônego.

E há, vejo-o, estratégia, as rotas, os moinhos e essa ambição de ligar Vila Cova à Coelheira a Segões, com parque de autocaravanas no Touro. Partilha, como na segada.

Um parque ribeirinho, que fará par com o Centro de Valorização do Turismo e Natureza. O cuidar, reabilitar um conjunto de ruínas para o desenvolvimento do Centro de Valorização de Turismo e Natureza do Touro. Alvenaria e madeira, colmo no telhado, a herança feita futuro.

Uma construção agrícola, estruturada como uma habitação: vestíbulo, cozinha e quatro quartos todos eles com instalação sanitária.

Um Centro de Valorização para albergar diferentes programas: espaço expositivo, de tertúlia e de formação. Pensado para acolher hóspedes, quer seja numa lógica turística ou uma poderosa residência artística. Quartos com capacidade para acolher pessoas de mobilidade reduzida, aprestados a serem unificados, para acolher agrupamentos de escuteiros, ou outros grupos.

E descobrir essas arcas, encoiradas, no dizer de Aquilino e espreitar às cozinhas.

**“Vontade de conservar,
promover e valorizar
o património cultural,
natural e geológico”**



Com um fio condutor, um rio que é silêncio, acordar, que pode ser fantasia ou realidade, mas que adianta ter o rio e não o aproveitar?

O báculo mastiga batatas, feijões ou centeio, a vianda não é enfarinhada e de quando a quando, trinca milho miúdo e outras hortaliças. Recos a cevar e, por alturas do tempo frio, matança e desmancha.

Atar e por ao lume que o fumeiro traz rendimento e o trabalho não para. É garantia de saberes, amores e suores. Ancestrais, que antigo, ou velho, é homónimo de riqueza.

E, dizem-me, o cachaço é o melhor do fumeiro, assim haja lenha e penduricalhos ao fumo. À espera da lambarice. E é tudo isso que se aqui se faz: alheiras, boches, salpicões, bulhos, linguça, presunto....

O Centro de Valorização também será isso, ou o bar da futura piscina. Uma loja, feita conciliábulo para podermos mostrar, vender os produtos da terra, escutar e encontrar, reunir e congregar. Economia circular, dirão os da academia.

E esse tempo, luxo dos dias modernos, aproveitado, como perorava Mestre Aquilino para aproveitar e conhecer os sabores da serra e do rio: “piteuzinhos que nos fazem esquecer as misérias humanas, o frango assado no forno sobre aromática duna de ervilhas, as batatas rachadas, arroz de forno, couve troncha com cebola, azeite e alho, o arroz-doce, com polvilhamentos fulvos de canela sobre branquura de jaspe”.

Afinal, retraio-me e sim, “Andam Faunos pelos Bosques”.

E nessa mesa prazenteira estão os estudos do passado, que congeminam as ideias que, ao longo dos meses, se vão impondo. Com um fio condutor, um rio que é silêncio, acordar, que pode ser fantasia ou realidade, mas que adianta ter o rio e não o aproveitar?

E a culminar, no meu passeio, já não volto à Praia dos Filipes, fico-me na latada do João Carlos Pires, e na de todos vós sempre generosos, a roer frutos secos e a beber vinho fino. E, tragado pela felicidade de ouvir gritar um sonoro “Portugal ist frei”, penso quanto esta gente tem tecido Burel, desfiado testamentos, enterros e carnavais. E nascimentos, essa vontade que renasce na mão da miudagem.

E volto sempre, aos corgos, ao Côvo, sem desmerecer outros poisos, de ouvidos escancarados e olhos esbugalhados.

A cavaqueira cavada funda na memória, olhando a serra, a memória, que, afinal, constrói futuro.


Não está aí a realidade que o demonstra?

Não estão cá os “campos de pão e esperança”? Não temos as batatas no lameiro, a truta no rio, a lebre no monte, as vacas a chocalhar, o reco na loja e as ovelhas a pastar? A pedra e os castanheiros?

O saber cuidar. Haja cajado e bornal...e conversa!

— (b)





**“E volto sempre,
aos corgos, ao Covo,
sem desmerecer outros
poisos, de ouvidos
escancarados e olhos
esbugalhados.”**

A Capela de São João

Texto: Pe. Justino Lopes

As gentes mais novas do Touro sentiram-se acanhadas no velho povoado e esbracejaram, esbracejaram até aos lugares do Calvário, do Santo Antão, do Seixal e da Mó onde construíram grandes vivendas com verdes relvados e coloridas flores.

Os dos lugares da Mó e do Seixal, de tempos-a-tempos, juntam-se para conviverem, confraternizarem e saborearem um delicioso almoço que se prolonga até ao jantar. Muitas vezes, a conversa convergia para a falta dum símbolo religioso apesar de ser o lugar mais populoso. O queixume foi crescendo, a ideia foi amadurecendo, os olhos foram pesquisando o melhor sítio e o proprietário mais disponível para ceder o espaço. O Tino - Laurentino Teixeira- acabou por oferecer o terreno na estrada da Mó e o entusiasmo do Zé Lacerda Soares e doutros movimentaram a vontade dos intervenientes:

- O Arquiteto José Martinho Morgado seguindo a orientação do Papa Francisco que deseja “uma Igreja de portas abertas”, giza o projeto com “uma forma monolítica de betão aparente, rasgada pela estereotomia e subtraída da forma estilizada do formato de “ casa”, pretende ser a casa de São João Batista na aldeia, aberta a toda a Comunidade. A presença de luz, água e terra, são elementos naturais, adjacentes à figura de São João, que enverga um aspeto simples indicando o rasgo de luz, como símbolo divino”.

- A Engenheira Helena Afonso fez os cálculos do ferro e cimento.



Tecelagem



- O construtor, Alfredo Soares, foi construindo e o dinheiro foi aparecendo porque, quando as obras são de Deus, “não há que temer, telha da igreja sempre goteja”, diz o povo. E a Capela foi benzida no Dia de São João de 2023 seguindo-se um grande convívio popular.

Porquê São João? É o Santo mais alegre e mais popular, responde o Zé Soares.

De facto, a alegria é a nota dominante nas festas de São João Batista. Quando o Arcanjo anuncia a Zacarias que ia ser pai, diz-lhe: “Será para ti, motivo de grande alegria e muitos se alegrarão com o seu nascimento” (Lc. 1, 14).

Quando a Virgem Maria visitou Isabel, esta confidenciou: “(...) o menino saltou de alegria no meu seio” (Lc. 1, 43-44).

E os vizinhos, ao saberem do nascimento do menino, fizeram uma festa: “Os seus vizinhos e os seus parentes, ao saberem, alegraram-se com Isabel” (Lc. 1, 58).

Na noite de São João, a rapaziada acende uma monumental fogueira no Largo da Aldeia, pela madrugada, apronta as travessuras; os idosos vão recordando os cantares de antanho:

*“São Zacarias é mudo
/ Pela graça de Deus, então:
Como se chama o menino
/ Há-de chamar-se João.*

*São Zacarias é mudo/
Esta noite vai falar
Para dizer que o Batista
/ João, se há-de chamar.*

*“Se o Batista soubesse
/ Quando era o seu dia,
Descia do Céu à Terra
/ Com prazer e alegria.*

*Onde estará o Batista
/ Que não está no seu altar?
Foi saltar à fogueira/
Para tornar a voltar.*

*No altar de São João
/ Stá um ramo de açucenas,
Onde os namorados vão
/ Dar alívio às suas penas. — (b)*



O Cónego Alfredo Ferreira de Moraes Martins

Texto: Pe. Justino Lopes

Alfredo Ferreira de Moraes Martins era filho de António Ferreira de Moraes Martins, natural do Touro e professor em Alvite, e de Ludovina Ferreira Meses, costureira de Vila Nova de Paiva. Nasceu na casa dos avós maternos a 4 de Setembro de 1888 e foi batizado a 22 do mesmo mês, na igreja desta vila.

Feito o ensino primário na escola de seu pai, continuou, no seminário de Lamego, onde manifestou a sua inteligência, o amor ao estudo e o espírito de piedade, mas não era um santarrão. As portas dos quartos tinham um óculo, “o sinistro buraco”, para a vigilância e, como o prefeito era baixote, o Alfredo lembrou-se de colocar, lá, um espelho que refletia os cabelos do vigilante pensando ser os do aluno. Tinha um espírito combativo e não contemporizava com os insultos soezes dos anticlericais naqueles tempos anárquicos e revolucionários. Numa procissão do Corpo de Deus estavam a ser insultados por um rapazola. Ele, de longe, mediu a distância e, ao passar pelo atrevido e perturbador do recolhimento, assentou-lhe o tocheiro nas costelas e continuou direitinho como se nada tivesse acontecido enquanto o mariola gritava - “aqui del-rei” contra os padrecos. Quando rebentou a Revolução de 1910, a sapateirada jacobina e um grupo de oportunistas cercaram o seminário - hoje, messe dos oficiais - para os desalojarem. Os Teólogos pegaram nos ferros da cama que esconderam debaixo da capa e, ao sinal combinado do “Deo gratias”, malharam a bom malhar até a casa e arredores ficarem limpos por uns tempos.

Foi ordenado sacerdote em 31 de Agosto de 1913, na Igreja paroquial de São Miguel de Poiães da Régua por D. Manuel Vieira de Matos, bispo da Guarda no exílio. Ficou coadjutor do Touro e de Vila Nova de Paiva.

Foi eleito vice-presidente de Câmara nas primeiras eleições republicanas; aderiu à Monarquia do Norte na revolução de Paiva Couceiro, andou fugido e refugiou-se na casa dos seus avós paternos na Quinta da Laja Gorda.

Em 1922, é nomeado abade do Touro depois da morte do P. Manuel Gonçalves Vaz.

Visto à distância mais se agiganta a sua personalidade:

- “A sua gravidade oferecia-lhe uma compostura extraordinária que impunha respeito em qualquer parte. A sua fidalguia e delicadeza no trato com as pessoas fizeram dele uma figura única. Os seus conhecimentos, a sua cultura e o seu relacionamento tornaram-no um verdadeiro conselheiro na solução de variados problemas dos seus paroquianos. O seu espírito de partilha não permitia que alguém tivesse fome. (...) Nunca o vi celebrar actos litúrgicos à pressa. Arranjava sempre tempo para preparar e agradecer a Eucaristia. O rosário era a sua devoção obrigatória. A visita ao Santíssimo, todas as tardes, fazia parte do seu dia. Quem faz este depoimento viveu com ele muito de perto, passava férias em sua casa e comia com ele à mesa; por isso conheceu-o muito bem, admira-o e agradece-lhe tudo quanto lhe fez” (Martins Teixeira, in “Luz na Montanha”. Dez. 1996).

Tinha um grande amor à Igreja, na pessoa do Santo Padre e do seu Bispo por quem rezava, diariamente, com o povo. Tinha um arreigado amor



**“Tinha um grande amor
à Igreja, na pessoa
do Santo Padre
e do seu Bispo por quem
rezava, diariamente,
com o povo.
Tinha um arreigado
amor ao Seminário
pelas generosas ofertas
que enviava (...)”**

ao Seminário pelas generosas ofertas que enviava, pela oração que fazia e incutia no povo e pelas vocações que despertava quando ia à escola primária dar a aula de religião e moral, informava-se dos melhores alunos. A sua casa, nas férias, era a continuação do Seminário – comprava livros, assinava revistas e diários para ocupar o nosso tempo mas, no fim, queria um resumo das leituras. Os seminaristas eram os seus pupilos - partilhavam da sua mesa, da reza do breviário, dos convívios festivos, dos Ofícios de defuntos que guardava para quando eles estivessem, etc. Quando nos despedíamos rumo ao Seminário, fazia o comentário às notas do período e, ao beijarmos a sua mão de pastor, nunca deixava a nossa vazia. Foi um precursor do estágio, introduzindo-nos na pastoral catequética e litúrgica e no serviço do cartório etc.

2- A população aumentara e a igreja era pequena e húmida. Era necessário construir um novo Templo mas os tempos eram, economicamente, difíceis. Não desanimou. O povo não tinha dinheiro para dar mas tinha a força braçal e a dos animais. Vi-o, diariamente, bater à porta ora dos lavradores para acarretarem a pedra, ora dos cabaneiros para

ajudarem a carregar os carros, ora das criancitas para extraírem areia do rio, ora das mulheres a puxá-la em cestos. Durante sete anos renunciou-se ao arraial das festas revertendo tudo para as obras. E ergueu-se uma catedral sagrada a 29 de Setembro de 1957.

Em 11 de Julho de 1964, quando preparávamos a Missa Nova de mais um missionário, sem esperar pela pregação e reza do terço, ligou o microfone exterior e anunciou que o P. Alberto Cosme do Amaral fora eleito bispo: - “Hoje venham todos à igreja agradecer a Deus mais esta graça. Já tínhamos uma catedral, agora temos um bispo, “Te Deum laudamus”. Era a graça de Deus a abençoar o seu trabalho por tantos padres surgidos no seu pastoreio, doze.

A bronquite e o reumatismo iam-no minando, ainda pediu um coadjutor, na pessoa do seu familiar e afilhado, mas os burocratas não têm coração. Têm leis, frias, gélidas sem sentimentos. Negaram um auxiliar a quem tantos padres e ofertas dera à diocese!... Doente e magoado, acamou. E, no espaço de 15 dias, a 20 de Fevereiro de 1966, num dia de vento e chuva – será que a natureza se associou ao luto?!, entregou a alma ao Criador que o recebeu festivamente: - “ Servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor.”.

Passado um ano, na inauguração do busto em sua memória, o D. Alberto agradecia: - “ Glória a Ti, Senhor, que no-lo deste. O homem e o padre. Ele é dom do Teu amor. Esse homem que nunca conheceu a mentira, a duplicidade, o equívoco. Esse homem de alma leal, sincera, aberta, batida pela verdade como batida de sol a serra em que se criou, viveu e morreu. Esse homem de trabalho duro, austero, permanente. Quase não tinha tempo para morrer porque morreu de pé. Esse homem de coração bom, compassivo até às lágrimas.

Glória a Ti, Senhor, que no-lo deste. Esse padre que ficará primeiro entre os primeiros. Servo da Igreja na pessoa do bispo. Servo da Igreja na pessoa dos seus paroquianos. Imolou-se no altar da obediência e da entrega. Modelo de padre, sobretudo, para os seus conterrâneos que ele guiou até ao sacerdócio, e, depois, com jeitos de mãe. A sua memória (...) é sempre viva na nossa alma que não morre. Ela é apelo gritante para todos os sacerdotes fiéis.”

Neste número da Burel, quero prestar-lhe a minha homenagem e o meu agradecimento, na certeza de que, em “comunicação dos santos,” pronunciará o meu nome junto de Cristo Sacerdote. — (b)

Potencialidades e novos desafios para a Freguesia

Texto: José Morgado Ribeiro
Tourense, antigo autarca e atual vice-presidente da CCDR-C

Caros amigos Tourenses,

Foi me pedido pelo nosso Presidente, Mário Morgado, uma breve reflexão para a nossa Revista Burel sobre as potencialidades e novos desafios para a Freguesia.

É com grande honra que me dirijo a vocês para refletir sobre os desafios e oportunidades que se apresentam diante de nós, neste momento crucial para a nossa querida aldeia.

Vivemos tempos de mudança.

A nossa/minha geração, nascida nos finais da década de sessenta e inícios da década de setenta, fomos os últimos “guardadores de vacas”, onde presenciámos uma mudança radical do modo de vida dos nossos pais para as gerações atuais.

Não é por acaso que falo daquele animal - a vaca - por nós bem tratada e a base do sustento de muitas famílias.

Elas davam-nos o leite, os vitelos e eram parceiros insubstituíveis nos trabalhos agrícolas.

Quem se não lembra da “marela, da cabana, da bonita, da estrelada, da cereja” e tantas outras ao nosso lado: a lavrar, a gradar, a semear milho, centeio, batatas e tantas outras culturas.

Quem se não lembra delas a carregar fenos, pão (centeio e milho) e lenha para nos aquecer nos rigorosos invernos.

Na nossa aldeia tudo era cultivado em perfeita harmonia com a natureza, meio ambiente e com sentido de comunidade.

O cultivo era feito, se bem se recordam, no sistema de rotatividade - folhas - a folha de lá, a folha de cá, a folha do milho a folha do centeio.

Existia um forte sentimento de comunidade, interajuda e respeito intergeracional.

“Na nossa aldeia tudo era cultivado em perfeita harmonia com a natureza, meio ambiente e com sentido de comunidade.”

Por isso, digo com carinho e saudade, os “últimos guardadores de vacas” ou aceivadores no nosso regionalismo das Terras do Demo de Aquilino Ribeiro.

Entretanto, na década de noventa, acentuou-se a grande mudança.

Enfrentamos a dura realidade, tal como todo o interior do país, do abandono do mundo rural e problemas sérios de demografia.

Os nossos jovens partiram em busca de melhores oportunidades.

Uns pela via da formação outros pela via da emigração em busca de melhores condições.

Para trás ficou uma comunidade mais envelhecida e não raras vezes, avós e netos, que foram convivendo lado a lado.



Tecelagem

Se os mais novos tiveram sucesso, sendo hoje, mais qualificados e homens e mulheres empreendedores.

O envelhecimento dos nossos, trouxe consigo novos desafios no empreendedorismo social.

Criaram-se serviços e estruturas de apoio social, garantindo que os nossos idosos vivam com dignidade e conforto, após uma vida de tanto trabalho.

O grande desafio agora é criar condições para terem atividades sociais e culturais que valorizem e mantenham os nossos idosos ativos e integrados na comunidade – envelhecimento ativo.

Na área do empreendedorismo rural, fruto da nossa localização, altitude e da nossa experiência e capacitação, temos condições únicas para o sucesso.

Quem se não lembra da nossa experiência na área da avicultura, aliada hoje, aos novos apoios e novas tecnologias que tem fixado e criado tantos postos de trabalho.

Outras atividades agropecuárias como a cunicultura, a criação de gado extensivo e o pastoreio, são atividades também importantes e que podem ser um desafio para o futuro, com vista ao aproveitamento das propriedades que tão bom pasto dão, junto aos rios e córregos, com uma basta rede de regadios – lameiros de limar.

Na área dos pequenos frutos (mirtilos, framboesa, amoras) onde os nossos linhares, leiras, e belgas tem condições naturais e climáticas para ter produção de qualidade destes frutos tão valorizados lá fora.

Tudo mudou no mundo rural e também na floresta.

A floresta de produção – pinhal e eucaliptos – tem hoje uma importância fundamental na economia local das nossas comunidades.

Contudo não podemos esquecer os nossos carvalhados de alvarinho e negral, com uma importância fundamental no nosso ecossistema, que todos temos que preservar.

Apostar também na floresta de frutos secos (castanheiros, nogueiras e aveleiras) que hoje estão em franca expansão pelo valor económico da sua produção.

O Turismo de natureza e cultural, surge hoje, nas nossas terras com uma grande oportunidade para revitalizar o Touro e suas aldeias.

Temos um património natural rico e variado que pode atrair visitantes em busca de experiências autênticas e sustentáveis.

Para isso, devemos tratar bem os infraestruturas – Parque Urbano e Praia, trilhos e rotas limpos e bem sinalizados.

O nosso Rio Touro/Covo despoluído e cuidado, suas galerias ripícolas (margens) limpas e cuidadas, com a proteção das espécies piscícolas protegidas e repovoadas, nomeadamente da truta fário e bordalo.

As serras com aproveitamento para as energias renováveis, mas não esquecendo que são comunitárias e tem uma função socio económica para os seus compartes na área das florestas, água, pastoreio, matos e lenhas e atividades cinegéticas.

Nas manifestações de cultura e fé, romarias, tradições, lendas e Carnaval do Touro como polos de divulgação e atração de visitantes.

Por fim, devemos abraçar a diversidade económica. Apoiar o empreendedorismo em áreas como a agricultura biológica, o artesanato, e o turismo é vital. Criar mercados locais e feiras (veja-se o sucesso da Feira do Fumeiro) onde os produtores possam vender diretamente aos consumidores promoverá os nossos produtos locais e fortalecerá a nossa economia.

A chave para o sucesso está na união e na cooperação. Devemos formar parcerias com outras aldeias, municípios, e organizações, compartilhar recursos e conhecimentos.

E, acima de tudo, incentivar a participação ativa de todos os residentes nas decisões locais, fortalecendo o nosso tecido social e comunitário.


Caros amigos, temos pela frente um caminho desafiador, mas repleto de possibilidades.

Com determinação, criatividade e um espírito de comunidade, podemos transformar esses desafios em oportunidades, construindo um futuro sustentável e próspero para Touro.

Juntos, faremos da nossa aldeia um lugar onde todos desejam viver, trabalhar e prosperar.

Touro Sempre.

Com estima. — **(b)**



“(...) não podemos esquecer os nossos carvalhados de alvarinho e negral, com uma importância fundamental no nosso ecossistema, que todos temos que preservar.”

“As serras com aproveitamento para as energias renováveis, mas não esquecendo que são comunitárias e tem uma função socio económica para os seus compartes na área das florestas, água, pastoreio, matos e lenhas e atividades cinegéticas.”



Turismo, Ambiente e Paisagem: oportunidades de sustentabilidade para o desenvolvimento dos territórios

Texto: Cristina Barroco, Professora Coordenadora e Diretora do Mestrado em Gestão Turística na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu. Pró-Presidente do Instituto Politécnico de Viseu para a Ligação à Comunidade e Transferência de Conhecimento.

Os recursos naturais são essenciais para o Turismo, não apenas como atrativos turísticos, mas também como elementos-chave para o desenvolvimento de experiências turísticas autênticas, sustentáveis, educacionais, memoráveis e únicas. Estes, desempenham um papel crucial no desenvolvimento dos territórios, especialmente em regiões menos povoadas e que por vezes parecem não ser “grandes” destinos turísticos.

Cada vez são mais os turistas que valorizam o ambiente, a paisagem, a beleza natural, os ecossistemas únicos. São esses recursos que temos de preservar, proteger e conservar para as futuras gerações e que irão permitir diferenciar territórios e destinos turísticos.

A preocupação com o estado do ambiente no planeta Terra manifestou-se pela primeira vez, ao mais alto nível, em 1972 aquando da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia. Dos trabalhos desta conferência nasceu a Declaração do Ambiente que no seu 1º Princípio afirma que o Homem tem direito a viver “num ambiente cuja qualidade lhe permita viver com dignidade e bem-estar, cabendo-lhe o dever solene de proteger e melhorar o ambiente para as gerações atuais e vindouras”. Desde então,

a temática da sustentabilidade tem sido abordada e estudada das mais variadas formas e já em 2015, as Nações Unidas aprovaram a Agenda 2030, constituída por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A sustentabilidade assenta em três pilares fundamentais: económico, social e ambiental e de uma forma direta ou indireta, o Turismo tem contribuído para todos os ODS.

O Turismo Sustentável deve, assim, respeitar a economia e o meio ambiente, deve respeitar a cultura, o estilo de vida tradicional e o comportamento das comunidades, envolvendo a população local e permitindo uma efetiva partilha dos benefícios e dos custos, entre promotores turísticos e população local. O Turismo Sustentável deve ser sempre planeado e gerido com o fim de proteger o meio natural para o transmitir, em boa qualidade, às



Legenda: Centro de Valorização do Turismo e da Natureza - Projeto

Tecelagem

futuras gerações. Este planeamento tem de ser realizado de uma forma integrada com outros setores económicos e acompanhado de uma observação constante dos impactos de modo a prevenir os seus aspetos menos positivos.

O destino turístico tem de ser, acima de tudo, um bom lugar para as comunidades viverem e serem felizes, porque não faz sentido termos turistas felizes, se as comunidades não sentirem que a atividade turística pode melhorar as condições de vida de todos. As comunidades são o bem mais precioso da atividade turística, porque são elas que acolhem e que podem proporcionar experiências completamente distintas e diferenciadoras aos visitantes, deixando a sua marca.

O Turismo pode ser uma oportunidade para os territórios, vilas e freguesias, desenvolverem atividades que tenham por base os recursos naturais, a paisagem e o ambiente e onde as peças principais serão sempre as comunidades. É neste contexto que o turista pode desempenhar um papel crucial, deixando de ser mero espectador para passar a ser o ator principal. O turista já não quer somente ouvir a história, ele quer fazer parte da história... não quer assistir somente ao artesão a criar a sua peça, ele também quer usar as suas mãos e criar. O turista não quer só provar os maravilhosos enchidos, quer ver o seu processo de confeção e participar nele, enchendo as tripas e fazendo as fogueiras. Este é o novo turista, curioso, ativo, com espírito de descoberta e vontade de aprender a fazer.

Os territórios devem estar organizados de forma a envolver o turista, a permitir a realização não só de muitas experiências, mas da “tal experiência”, memorável e inesquecível, onde população e turistas cocriam em conjunto. Tudo isto vai fazer com que o turista tenha vontade de voltar a esse território e de falar com todos aqueles que o rodeiam sobre a sua viagem: o que viveu, o que aprendeu e, acima de tudo, o que partilhou...

O Turismo Sustentável só existe em territórios sustentáveis, onde os recursos turísticos são preservados e onde as suas gentes são felizes, porque sem comunidades felizes não queremos

Turismo.— **b**

“O Turismo pode ser uma oportunidade para os territórios, vilas e freguesias, desenvolverem atividades que tenham por base os recursos naturais, a paisagem e o ambiente e onde as peças principais serão sempre as comunidades. É neste contexto que o turista pode desempenhar um papel crucial, deixando de ser mero espectador para passar a ser o ator principal.”

Legenda: Centro de Valorização do Turismo e da Natureza - Projeto



Fiador



João Ruano é natural de Mogadouro, vive no Porto e trabalha em todo o país, incluindo no Touro. Arquiteto paisagista, pós-graduado em economia e gestão ambiental, é especializado em conservação da natureza, agricultura, recreio ao ar livre e consultoria ambiental.

Motivado com o desenvolvimento sustentável e uma economia é dele a autoria do projeto Parque Infantil Naturalizado do Touro, que foi distinguido na gala Prémio Autarquia do Ano 2024. Bons motivos para uma fição em torno do futuro, sustentável e inclusivo, assente que estamos na preservação da paisagem e num turismo responsável.

João Ruano

“Os guardiões da paisagem somos todos, neste território em concreto, os pastores, os agricultores, os proprietários florestais e tantas outras pessoas é que fizeram e fazem a verdadeira paisagem”

“Tudo é paisagem”, como refere um documentário?

O documentário “Tudo é paisagem”, para além de estar muito bem produzido era muito necessário.

É uma peça que dá a conhecer parte da profissão, principalmente nas áreas mais tradicionais, projeto e ordenamento do território, mas há atualmente arquitetos paisagistas a atuar em cada vez mais áreas e setores. O arquiteto paisagista tem uma formação de base multidisciplinar e abrangente, começando agora a afirmar-se e a ser protagonista em áreas como a economia, agricultura, imobiliário, turismo, política e outras.

Não faço ideia se existe algo idêntico noutros países, mas para a realidade da arquitetura paisagista em Portugal este documentário foi uma lufada de ar fresco e dá visibilidade à profissão, que bem precisa.

O arquiteto paisagista tem uma formação de base multidisciplinar, começando agora a ser protagonista em áreas como a economia, agricultura, imobiliário, turismo, política...





O Touro, a Serra da Nave, as Terras do Demo são um território cheio de potencialidades e memórias. Qual é a sua relação com esta Freguesia?

O meu primeiro contacto com a Freguesia de Touro foi pela via profissional, num serviço de consultoria para um projeto de turismo de natureza. No decorrer desse serviço, fui conhecendo cada vez melhor a aldeia e o território, tendo essa relação evoluído bastante. Atualmente, sou um grande fã desta região, particularmente da aldeia de Touro. Já trouxe cá várias pessoas e falo dela constantemente, porque é um exemplo a seguir.

Tem havido vários projetos, alguns deles reconhecidos a nível nacional, a Rota do Caldeirão, a Capela de São João Batista, e este mais recente do Parque Infantil Naturalizado do Touro, que foi distinguido nos prémios a-tarquia do ano. O turismo e o ambiente estão a ser pensados, requalificando, criando ideias novas. A arquitetura pode ajudar a mostrar às pessoas estes sítios, a rentabilizar estas terras e a colocar a engrenagem da economia em funcionamento?

A arquitetura civil, ao longo da história, tem tido um papel preponderante na afirmação e elevação de locais, cidades e países, por todo o mundo. Atualmente, com a mudança dos paradigmas e os desafios ambientais, fica clara a importância também da arquitetura paisagista, que consegue contribuir positivamente, de forma muito eficaz, para esses problemas que enfrentamos. Em territórios como este onde se insere a Freguesia de Touro, com problemas demográficos e uma economia a precisar de ser revitalizada, projetos diferenciadores que explorem e aproveitem o melhor que este local tem para oferecer, é sem dúvida uma boa aposta, e os resultados estão à vista.

E temos conseguido respeitar a paisagem e a identidade?

Sim, de alguma maneira, no passado, o que aqui se fez, respeitou o local, as pessoas e o património existente, isso vê-se bem no terreno. Conhecer profundamente o território, identificar o que o distingue e respeitar a sua identidade é, na minha opinião, a única forma de desenhar uma estratégia de médio-longo prazo que realmente funcione.

Pergunto porque tenho a ideia de que os arquitetos são os guardiões da paisagem, o trabalho que desenvolvem traz acrescida uma responsabilidade ao reabilitar o nosso património, concorda?

Os guardiões da paisagem somos todos. Aliás, neste território em concreto, os pastores, os agricultores, os proprietários florestais e tantas outras pessoas é que fizeram e fazem a verdadeira paisagem. Ao arquiteto paisagista cabe pensar a paisagem de uma forma mais abrangente, fazendo com que responda o melhor possível para um maior número de pessoas. À medida que o território se modifica, as pessoas mudam e surgem novas necessidades, como os espaços de lazer, as infraestruturas turísticas ou desportivas, temos um papel importante e conseqüentemente mais responsabilidade, para não deixarmos ninguém para trás e assegurarmos que não são cometidos atentados ambientais, por exemplo. Diria mais, enquanto profissionais devemos também ser mais ambiciosos e desafiar o poder local e quem toma decisões a arriscar com projetos disruptivos que trarão benefícios reais a médio-longo prazo.

Mas não esqueço o exemplo, no Parque infantil Naturalizado, na utilização de materiais locais e naturais e do respeito pela identidade do lugar. A ligação equipamento, natureza, como se consegue materializar esta união?

Nas infraestruturas para crianças é necessário descomplicar e simplificar. Há profissionais de várias áreas (psicologia, educação, paisagismo) a defender que as crianças não precisam de um local específico para brincar, mas que devem aprender e saber brincar em qualquer local. Partilhando um pouco desta visão, tentámos encontrar um equilíbrio, utilizando os equipamentos como chamariz, mas, uma vez no local, desafiamos as crianças a explorarem e a brincarem por todo o lado, nas árvores, nos prados, nos arbustos, na água, etc. Projetar espaços infantis integrados na natureza, com materiais naturais e sem barreiras, é no fundo dar às crianças a liberdade que tanto precisam, estimular a sua criatividade e capacidades físicas, entre tantos outros benefícios.

Conhecer o território, identificar o que o distingue e respeitar a sua identidade é a única forma de desenhar uma estratégia que realmente funcione.

E como podemos manter as pessoas nestas paisagens e, ao mesmo tempo, gerar economia que respeite o território?

O que aconteceu é que durante muitos anos não houve muita gente dedicada a pensar o interior e concretamente as aldeias, com uma visão de longo prazo, e ainda não há, infelizmente. No passado houve dinheiro, muito, que serviu para se fazerem muitas obras que melhoraram consideravelmente a qualidade de vida das pessoas. O que se passa é que esses investimentos não foram suficientes para segurar as pessoas e, agravando a situação, alguns desses projetos foram completamente desastrosos do ponto de vista económico, ambiental e social.

Agora o paradigma mudou e percebeu-se que algumas decisões tomadas no passado não resultaram, sendo necessário encontrar novas soluções. Para isso, eu não vejo outro caminho que não seja o da sustentabilidade, que não é nem pode ser simplesmente um chavão ou uma bandeira, mas sim um compromisso sério.

Se se começar a trabalhar nas nossas aldeias e nos territórios do interior com os objetivos do desenvolvimento sustentável bem presentes, estamos a assumir uma série de premissas importantíssimas que nos guiarão a um futuro mais promissor.

Fiador

É importante explicar às pessoas o que se faz e como são importantes estes projetos ligados ao ambiente e ao ecossistema?

É um desafio conseguir iniciar processos de mudança quando essa mudança muitas vezes não é percebida pelas pessoas logo na fase inicial. Por isso é que é tão importante a tal coragem política e visão de longo prazo que tanto se fala, mas que existe tão pouco. Estou convencido que as pessoas muitas vezes não mudam e têm alguma dificuldade em aceitar mudanças porque não tem sido feito um bom trabalho preparatório, de envolvimento, participação e explicação.

Eu dou cada vez mais importância a este trabalho de compreensão das necessidades das pessoas, conhecimento do local e recolha de opiniões, para depois conseguir propor soluções mais ajustadas e que respondam o melhor possível aos interesses da população.

A habilidade de trabalhar e de intervir na paisagem é uma atribuição exclusiva do arquiteto paisagista?

Não diria que é exclusiva dos arquitetos paisagistas, até porque equipas multidisciplinares obtêm sempre melhores resultados, seja em que área for. Acredito, isso sim, que é uma classe profissional muito bem preparada para integrar e/ou liderar projetos relacionados com o ambiente construído, o espaço público, espaços naturais, etc... A formação multidisciplinar dos arquitetos paisagistas, que no passado pode ter sido uma desvantagem por não termos um nível de especialização como outras profissões, é atualmente uma grande vantagem, dada a complexidade dos problemas que hoje existem e da necessidade de encontrar profissionais que vejam e consigam interpretar o “quadro completo”.

E como é trabalhar em pequena escala, o local, a intervenção participada que, depois quando olhamos ao conjunto acabamos por ver o sentido?

Somos preparados para trabalhar a qualquer escala, mas é importante, independentemente do

projeto, que haja uma linha condutora e uma visão abrangente. Por mais pequeno que seja o projeto, se percebermos bem o local e o seu contexto, sabemos que estamos a contribuir para algo maior, que tem uma identidade a respeitar, uma estratégia e objetivos definidos. Nem sempre estes pressupostos são claros, mas o nosso trabalho passa também por aí, ajudar os promotores ou decisores políticos a encontrar um caminho viável.

E como podemos usar esse trabalho para valorizar uma aldeia, uma freguesia?

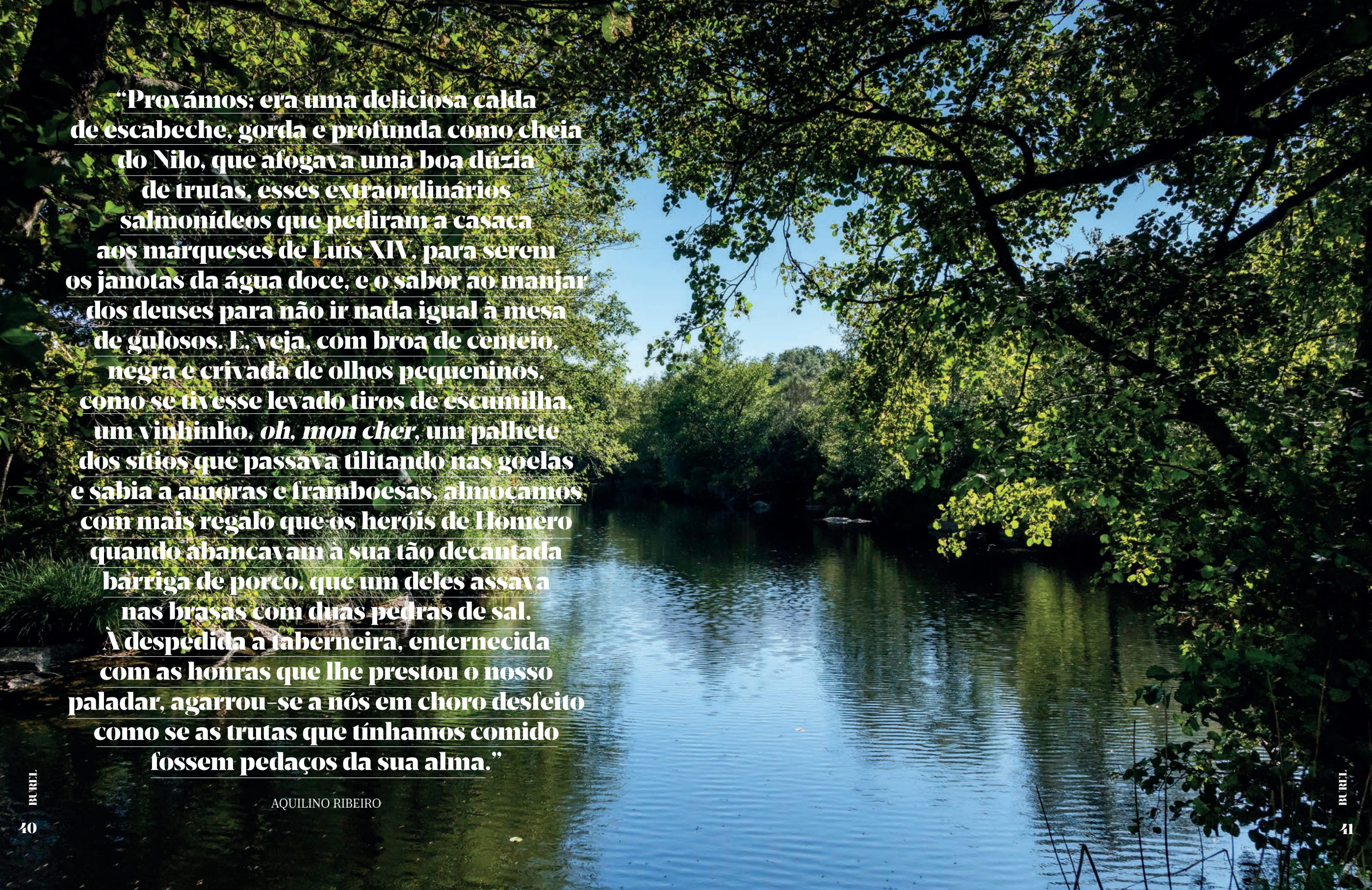
Basta visitar a aldeia de Touro para ver os resultados. A aposta na valorização do património cultural, arquitetónico, natural e até imaterial, durante os últimos anos, faz com que seja uma aldeia que se destaca, extremamente agradável, que tem notoriedade, que está a criar identidade e a formar uma marca. Algumas das ideias e intervenções podem não ter impacto imediato e até serem de difícil aceitação por parte de algumas pessoas, mas a médio-longo prazo, que é o que interessa, revelar-se-ão importantíssimas para contornar os desafios que esta freguesia e tantas outras enfrentam.

Uma arquitetura que ajude a erguer uma freguesia para todos, com espaços verdes e preocupações de sustentabilidade, que permitam um turismo regrado e o aproveitamento da paisagem, será esse o futuro do Touro?

O futuro de todo o interior de Portugal é bastante incerto e, perdoem-me o pessimismo, não vejo grandes ideias ou o empenho suficiente por parte do poder central, o que não ajuda.

O que se passa no Touro é o diferente, é uma lufada de ar fresco e devia servir de exemplo a muitas freguesias e municípios. A coragem de arriscar e de fazer diferente, a incapacidade de estagnar, a saída da zona de conforto frequentemente, estão de alguma forma a preparar melhor o tal futuro incerto, garantindo que, por mais incerto que seja, foi pensado e conduzirá à melhoria da qualidade de vida das pessoas, que, afinal de contas, é o que todos procuramos e desejamos. — **(b)**





“Provámos; era uma deliciosa calda de escabeche, gorda e profunda como cheia do Nilo, que afogava uma boa dúzia de trutas, esses extraordinários salmonídeos que pediram a casaca aos marqueses de Luís XIV, para serem os janotas da água doce, e o sabor ao manjar dos deuses para não ir nada igual à mesa de gulosos. E, veja, com broa de centeio, negra e crivada de olhos pequeninos, como se tivesse levado tiros de escumilha, um vinhinho, *oh, mon cher*, um palhete dos sítios que passava tilitando nas goelas e sabia a amoras e framboesas, almoçamos com mais regalo que os heróis de Homero quando abancavam à sua tão decantada barriga de porco, que um deles assava nas brasas com duas pedras de sal. À despedida a taberneira, enternecida com as honras que lhe prestou o nosso paladar, agarrou-se a nós em choro desfeito como se as trutas que tínhamos comido fossem pedaços da sua alma.”

AQUILINO RIBEIRO

Sorri a Natureza

Texto: Jorge P. Lages in 'Rimas de Outrora',
- primeiros versos (1942) edição de 1995

Sorri a Natureza...É Primavera...
Dos ninhos rompe melodia infinda
Brotam lírios...abre a rosa linda
Tudo semelha um sonho...uma químera

Andam sons e harmonias na atmosfera...
Luz, pulcritude e graça que não finda...
Graça tal que quem nunca a viu ainda
Se lá dos céus a olhasse cá viera...

Os montes tornam-se uma grande flor...
O céu é azul...A noite mais de amor...
E os corações exultam de alegria...

A Natureza inteira ressuscita...
E os Seres vivos...todos...e à compita
Entram na GRANDE FESTA, em sintonia...

— **b** —

“Um “Pescador clandestino” na Cerca”

António Pedro, assim responde este antigo emigrante que andou além Pirenéus, em França e na Suíça, sos semestres que agora passa na Alemanha, “onde estão os filhos”. De sorriso rasgado e andar ligeiro, é também dele a presidência dos Baldios do Touro.

Na companhia do filho, assume que desde “muito novo”, foi habituado a “subir as ladeiras, para chegar ao rio Côvo e descansar nos amieiros das margens”.

A conversa corre como o rio, visto lá ao fundo da belga da casa, onde repousam as alfaias agrícolas. “Sol e água, uma corriqueira”, diz com uma gargalhada “sem esquecer os tempos em que nadava na Eira, junto ao rio, onde havia uma pequena fonte”. António Pedro lembra “o tempo de cachopo, em que corria montes, vales e as muitas ribeiras”.

As condições das águas “eram as ideais para apanhar as trutas no centro das correntes, desde que mordessem o isco”.

“O lugar favorito era a Cerca, um lameiro na margem do rio, onde foi “pescador clandestino”. Amante da caça e da pesca, descreve as trutas e as bogas, sem esquecer a caça em terra onde “abundam lebres, coelhos e perdizes, a rola e as codornizes e, nos altos, a galinhola, os pombos e os patos bravos”.

Do rio tirou “quilos de trutas, fritas e postas em esca-beche, com bom vinagre e uma batata à racha”, descreve, enquanto Isabel Maria, a mulher, se junta à conversa.

“A truta, se pressentia gente, corria com força, era preciso ficar ali parado”. Uma arte que o levou ao Caldeirão para “mostrar a um padre francês como pescava”.

Ideal para a pesca eram “as enchentes do Côvo, melhores que agora”. Antes da saída, “pela fresca, havia que encher o bernal com a merenda: pão, azeitonas, chouriço e queijo”. E ali passava os dias. E agora que voltou das andanças da emigração, ainda por lá vai “matar saudades e, se as houver, pescar umas trutas”.

Pelos caminhos, “de ronda, olhando as margens e de fio na mão, à espera de que a truta morda o isco, sinto o toque na cana e assim pesco”. — **b**

António Teixeira Morais, 79 anos,
4 filhos, 8 netos



“A truta, se pressentia gente, corria com força, era preciso ficar ali parado”.

“Nunca fui aflito para ir para o rio”

Mário Cardoso, 86 anos, 8 filhos, 6 netos

“Lançava a linha, em zona de pouca profundidade, e lá via a truta a fazer peripécias dentro e fora de água”.



“Plumas e estralhos são essenciais para a pesca”, afirma Mário Cardoso, “pescador desde muito novo”.

E lá partia “pelos caminhos, um percurso à beira-rio”. E de plumas, em bom rigor uma mosca artificial que serve como isco para a captura das trutas, percebe Mário Cardoso.

“Lançava a linha, em zona de pouca profundidade, e lá via a truta a fazer peripécias dentro e fora de água”. O segredo eram as plumas., o iludir o peixe com a “mosca que chama a truta e ali está, tudo à vista”, explica o pescador.

No início da época, “a truta pode hesitar em ir até à superfície para engolir a ‘mosca’, mas quando acabam as larvas no fundo do rio, que é com se alimentam no Inverno, é quantas houver”, desafia.

Mas “é preciso esperar que a truta queira capturar a pluma e a mordida”. Plumas famosas, tanto que “as fabricava e ia vender, por Viseu, eram tidas como as melhores e muito procuradas pelos pescadores como isco base de captura. E “se as vendia”.

As plumas, “chegados ao rio, lá pelas 9 horas, pegavam na truta e tiravam-na de qualquer jeito”, conta, de rosto tisonado pelo sol e cara alegre das memórias. A mulher chega-se ao marido e não esconde o orgulho: “sempre foi bom pescador”.

Ainda granjeou a vida nas terras, “trabalho duro, 7 mil réis ao dia a dar o coirão”. Mas é a pesca, “também com o saltareco, um pequeno gafanhoto”, que o alegra.

“O saltareco é mais para o Verão, em Junho, quando a truta se esconde na sombra e é preciso chegar mais cedo”. Ou “anzol e minhoca que é preciso dar aperitivos à truta para ela vir ter conosco”.

“De manhã à tarde era um cacifo delas, a natureza é generosa, dá tudo de graça”. E a mesa: “uma fritada, postas na terrina em bom vinagre e amigos por fora”.

Habituação a “bater os pinhais, à procura de rolas, coelhos, muita caça que há por essas terras fora”.

Coelhos “preparados à moca, depois de corridos os lameiros, tau e já está”. E com as trutas e a caça “labutou a vida, fui sempre um gajo que não gostava de andar de cabeça no chão”, desabafa.

E era de Viseu que o procuravam, “caçadores e pescadores, amigos que vinham para um dia alegre, bem comidos e uma sesta”.

“Os tempos eram outros, os rios iam mais limpos, mas agora já se começam a ver mais trutas e a limpar as margens”. — (b)

“A minha primeira cana de pesca foi uma estaca dos feijões e a linha era aquela com que a minha avó cosia a roupa”

**António Martinho, 80 anos,
2 filhos, 2 netos e uma bisneta**

Toninho Gaio é alcunha para António Martinho, que, “novo, foi para Lisboa trabalhar na Sociedade de Abastecimento de Combustíveis e Óleos Refinados. “Foram 25 anos na SACOR, que em 1958 introduziu a gasolina super, e criou a GAZCIDLA, para a distribuição do gás butano”, explica, antes de mostrar a cana de pesca.

Uma longa cana, de dois metros, mas Toninho não esquece os primeiros apetrechos da pesca.

“A minha primeira cana de pesca foi uma estaca dos feijões e a linha era aquela com que a minha avó cosia a roupa”!

O isco era o “saltareco e lá ia para o corgo, junto ao convento, com o Armando da Caixa e lá trazíamos um cabaço delas”.

E, já dentro da garagem, mostra o acervo de quem foi pescador e caçador e voltou à arte, depois de se reformar “aos 52 anos”..

Lá estão o cesto que veio do Canadá, as canas e outros apetrechos”.

Por “rios e bosques, nas férias quando trabalhava e agora quando há tempo livre”, António Martinho não esquece “o encanto do rio, os amieiros e as trutas a saltarem”.

E onde lança a cana? Toninho não guarda segredos: “No corgo faveiro, Pisão e lá estou, sentado e encantado da vida”.

E onde lança a cana? (...) “No corgo faveiro, Pisão e lá estou, sentado e encantado da vida”.

Nas andanças da caça chegou a ver um touro, mas foi um javali quem mais o espantou.

“Andava lá no cabeço, a comer o milho e tive que cuidar dele”. Ao cair da noite, “saiu de casa com a arma de dois canos”, sentou-se em cima de uma árvore “e não foi preciso esperar muito para sentir o javali e disparar”. Descido da árvore, nem sinais do porco bravo. Até que na manhã seguinte, “soube dele no café, os de Lamas perguntaram-me se eu sabia de quem era o javali que lá apareceu ferido”. Nem esperou e foi buscá-lo. “Para comer, claro”.

Sim, Toninho Gaio também é cozinheiro. “Foi a minha avó, a Ti Celeste Lajes quem me ensinou”, recorda.

Javali? “Estufado como o coelho, depois de estar um dia em vinha de alhos”.

As serranias davam mais: “lebres, perdizes e javalis”. — **b**



Burel, a revista do Touro (magazine da Freguesia do Touro) é uma publicação de informação institucional, semestral, editada e produzido pela Junta de Freguesia do Touro.

Tem âmbito universal, ao servir de veículo de comunicação institucional da Freguesia. Por isso é dirigida pelo Presidente em funções, que tem consultadoria para cumprir com esses desígnios, no respeito pelo pluralismo democrático. E não renega, antes louva e elege, a geografia e as Terras do Demo como pertença.

Queremos dirigir-nos ao conjunto da população, que vive e trabalha na Freguesia, que a ela tem ligações ou por ela sente afinidade, dedicando atenção à informação local, tendo em conta as tradições, a diversidade e a evolução contínua da Freguesia. Progresso com tradição e origem.

O conteúdo é definido com profissionalismo, rigor, espírito crítico e honestidade intelectual. O objetivo primacial é divulgar as informações pertinentes para o conhecimento da Freguesia, enquanto local de vivência e usufruto.

Tem edição semestral, sempre dedicada a um tema que integre as vivências da freguesia e que sirva para nos erigir numa identidade comum, a das Gentes do Touro, terra de Boa Sorte, e tem por lema “Terra fértil, gado e caça”, no feliz desígnio do Cônego Fonseca da Gama. Não renegamos quem somos, nem recusamos futuro que não possamos alcançar. Por isso se destina a todos os Tourenses, os que vivem na Freguesia e os da diáspora, os que por cá passam e os que por cá ficam. E os que cá voltam.

**“No planalto, raro é o dia clamoroso
em que a viração não amenize
a canícula. Os olhos espraiam-se
ao largo e a água fresca está
ali bem perto a cantar.
O rio e córregos aninham
a belíssima truta, na despensa
pende o fumeiro bem curado,
e na salgadeira descansa
o afiambrado presunto
da rúbida cor.”**

CÓNEGO FONSECA DA GAMA

**Adomingueiros
Avesseira
Cerdeira
Lage Gorda
Póvoa
Touro
Viduinho**

JUNTA DE FREGUESIA DE TOURO
R. Cónego Alfredo Ferreira Morais Martins
TOURO

E.: freguesiadotouro@hotmail.com
T.: 232 602 304